



Foto: Pedro Krillos - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

A iluminação colorida procura destacar o figurante no carro alegórico.



Foto: Fabio Costa - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

A Praça da Apoteose, fantástico espaço cênico desprezado.

A Luz do Samba

Por José Canosa Miguez

"Fui ao sambódromo na segunda-feira. Gostei do samba da Portela, do desfile do Salgueiro, de algumas alas da Imperatriz – mas confesso que sai decepcionada. O espetáculo continua grandioso e único, sempre empolgante à passagem das baterias, e os carros estão no geral cada vez mais sofisticados, mas tudo me pareceu muito igual, muito... pasteurizado. Poucas fantasias se destacavam pela originalidade ou mesmo pela beleza; pelo menos para o meu gosto, os desfiles foram pesados, previsíveis."

(Cora Rónai – Colunista de O Globo, Segundo Caderno, 26.2.2009)

"A invenção que é o espetáculo nos sambódromos do Rio, de São Paulo e de seus imitadores, sendo já o paulistano uma imitação do carioca, ainda leva o nome genérico de Carnaval e o nome particular de desfile das Escolas de Samba. Não é um, nem é outro. Usa aqueles nomes por apropriação indébita. O que é, não sei, e jamais ouvi sequer sugestão a respeito."

(Jânio de Freitas – Colunista da Folha de São Paulo, 22.2.2009)

NESTES DIAS DE CARNAVAL LEMBREI-ME QUE, HÁ DEZ ANOS, alguns cenógrafos e carnavalescos externaram comentários a respeito da iluminação da Passarela do Samba do Rio de Janeiro. De uma maneira geral, limitaram-se a considerações óbvias e pouco construtivas, classificando a luz de horrível, chapada, exagerada; argumentaram que o excesso de luz pro-

veniente dos projetores atenua a iluminação própria dos carros alegóricos; que a luz incide mais sobre o público do que sobre o desfile; que a iluminação deveria ter características cênicas, pois a apresentação das Escolas de Samba é uma ópera popular, etc. Nas entrelinhas destes comentários escondia-se uma ainda pouco clara vontade de mudanças.



Foto: Sheila Chagas - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

A luz verde up light descaracteriza o figurante e as cores da fantasia.



Foto: Fabio Costa - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

Pontos de luz enfatizam com eficiência os perfis da coroa.



Foto: Fabio Costa - <http://fototeca.riofj.gov.br>

As luzes laterais subtraem as sombras e chapam as imagens.



Foto: Pedro Kriticos - <http://fototeca.riofj.gov.br>

Nos setores ímpares a luz dos projetores ilumina e esquenta a platéia.

Vale a pena voltar a colocar mais alguma luz sobre este assunto. Já que nada se modificou desde então, e muitos jornalistas continuam a conjecturar sobre o desfile, desejo retomar uma análise crítica que fiz na época, como presidente da Riolut – responsável pela iluminação da cidade e do Sambódromo – para o jornal O Globo e publicada por ocasião do carnaval de 1999.

Inicialmente, convém analisar o espaço que se ilumina. A construção da Passarela do Samba – que este ano completa 25 anos – atendeu à reivindicação dos carnavalescos da época, que queriam um espaço próprio e permanente para os desfiles das escolas de samba, e também dos governantes, que desejavam evitar os inconvenientes que a montagem e desmontagem das arquibancadas na Avenida Presidente Vargas trazia. Escolhida a Rua Marquês de Sapucaí, o arquiteto Oscar Niemeyer optou por um projeto que simplesmente ratificava as características da montagem na avenida, preservando a mesma ambiência do carnaval de rua, apenas expressando em concreto armado definitivo os espaços para o público. De novidade, a possibilidade de uso múltiplo dos camarotes /salas de aula e a proposta revolucionária da Praça da Apoteose, que os carnavalescos até hoje não souberam aproveitar com eficiência.

Por coerência, o sistema de iluminação da Passarela do Samba foi projetado na época de forma a também reproduzir as mesmas características da iluminação dos antigos desfiles de rua. Naquele tempo, os projetores de luz eram instalados no alto dos postes da rede elétrica e de iluminação, iluminando de maneira uniforme tanto os foliões que desfilavam como aqueles que os assistiam e acompanhavam. A luz como que integrava o povo em sua manifestação de alegria: iluminava os foliões e os vários grupos carnavalescos – blocos, escolas, ranchos, etc. – mas, como até hoje, não tinha nenhuma função cênica.

O atual sistema de iluminação da Marquês de Sapucaí é ainda composto de pouco mais de 420 projetores de luz, totalmente ultrapassados, cada um equipado com lâmpadas de descarga de multivapores metálicos com 2.000 Watts de potência. Uma parte destes projetores está instalada em torres de aço plantadas no topo das arquibancadas e, em função de seu posicionamento, sua luz ilumina também os espectadores. Estas lâmpadas de descarga são adequadas para a iluminação de espetáculos, pois têm um elevado índice de reprodução de cores, ideal para a transmissão de imagens por televisão. Também os níveis de iluminância foram revistos para atender a esta exigência, alcançando 1.000 lux no trecho em frente ao recuo



Foto: AF Rodrigues - <http://fototeca.riofj.gov.br>

Os LEDs nas fantasias não brilham na luz excessiva da Passarela.



Foto: Eliane Carvalho - <http://fototeca.riofj.gov.br>

A luz colorida apenas cria manchas nas alegorias.

das baterias. E o piso ainda recebe pintura em tonalidade cinza bem clara para aproveitar a reflexão.

É, portanto, quantidade de luz que atende – com sobras – às características e necessidades do desfile em sua configuração atual. E, neste aspecto, não vejo o que possa ser criticado, que não seja o desperdício energético derivado do fraco desempenho fotométrico dos projetores obsoletos, que jogam fora boa parte da luz gerada. O sistema de iluminação é estático, como sempre foi. Não participa do desfile, como nunca participou: limita-se a garantir a visibilidade, sem fazer parte do espetáculo. Foi, e ainda é, simples complemento, tão passivo quanto o concreto armado do piso e das arquibancadas. Qual será então a origem das críticas?

Apesar de todas as mudanças, no tamanho e na sofisticação, em sua essência formal o espetáculo continua o mesmo: alas e carros que passam em cortejo para o público contido nas arquibancadas e nos camarotes. Algo mais parecido com uma parada militar do que com uma ópera popular. Afinal, que ópera nos obriga a ouvir um mesmo tema musical por ininterruptos 80 minutos, re-

petido ad nauseam? E com a mesma iluminação – diga-se: sempre com a mesma ambientação?

Na realidade, os responsáveis pelo carnaval das escolas de samba a cada ano têm se desdobrado para surpreender e fazer vibrar os privilegiados espectadores que podem pagar para assistir ao vivo o desfile. Em boa parte este público é composto por turistas estrangeiros, que absorvem nossa manifestação carnavalesca através de seus próprios filtros culturais. Quanto aos telespectadores - milhões em todo o planeta - sentados no conforto de suas casas, e que não entram no mesmo clima de alegria e empolgação da Passarela, ficam limitados a contemplar as imagens de cor, exuberância e alegria, explicadas pelos apresentadores da TV ao longo da noite e madrugada. Fantasias, carros alegóricos, sambistas e destaques, a cada ano mais ricos e criativos, apresentam-se durante os 80 intermináveis minutos que cabe a cada Escola, sob a mesma luz chapada e ao som do mesmo 'samba-marcha', como diz o Veríssimo ao criticar a cadência alucinada que se imprime atualmente aos sambas-enredo.

Será que a iluminação permanente da Passarela contribui para a mesmice dos desfiles? Ela tem sido um componente passivo da atual estrutura formal do espetáculo, hoje completamente engessado, excessivamente rígido e padronizado em suas características regulamentares, em função de uma conjuntura apenas competitiva.

Os ansiosos carnavalescos e cenógrafos das Escolas, incessantemente cobrados a inovar, têm então experimentado utilizar efeitos de luz emanados dos próprios carros alegóricos. E vale tudo nesta tentativa de conseguir mais brilho em meio à já incandescente pista de desfile: lâmpadas de todos os tipos e potências procuram destacar detalhes dos carros, em tentativas fadadas a resultados pífijs. E a Passarela do Samba é iluminada pelas duas laterais, o que praticamente acaba com as sombras, chapando todas as imagens!

Evidentemente, considerando a pujança do sistema de iluminação da Passarela, estas tentativas não conseguem se destacar, num resultado que deixa muito a desejar e que não justifica o investimento na instalação. Este ano uma Escola informava que 300 KW de energia eram gerados para iluminar um dos seus carros! Um mestre-sala e a porta-bandeira vestiam inusitados trajes de luzes, cravejados com milhares de LEDs, ao custo de 200 mil reais!

Simultaneamente às sensações de déjà vu, frustração e cansaço, chegou a idéia de que uma modificação radical poderia ocorrer se a luz fosse convocada a parti-



Foto: <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

Uma grande tela: como num longa-metragem, as Escolas têm 82 minutos para contar um enredo nos 700 metros de extensão da Passarela do Samba.

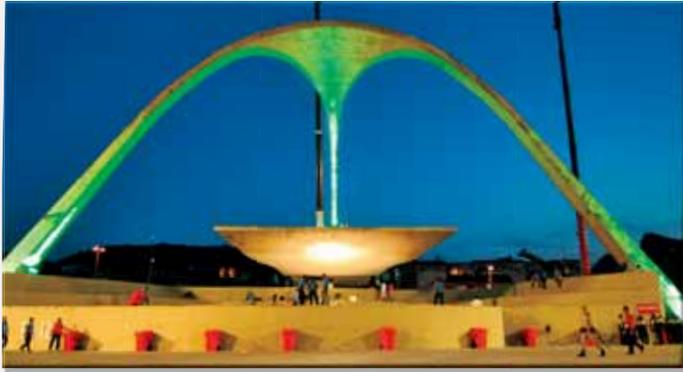


Foto: Alfredo Roza - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

Lixeiras vermelhas “decoram” o Museu do Carnaval, no espaço que seria o apogeu do desfile, segundo seu idealizador Darcy Ribeiro.

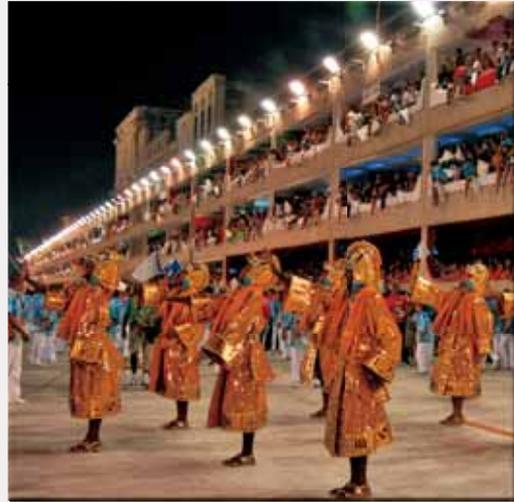


Foto: AF Rodrigues - <http://fototeca.rio.rj.gov.br>

Os projetores foram instalados de modo a produzir uma iluminação uniforme ao longo de toda a extensão do sambódromo.

cipar não apenas como componente passivo, mas como indutor ativo do desfile. Veio a percepção – até hoje ainda pouco clara para os responsáveis e críticos do desfile – que, com a luz – o grande agente criador e modificador de ambientes – seria possível estabelecer os diferentes climas que uma verdadeira representação cênica exige.

O experiente Peter Gasper e a Rede Globo de Televisão, há alguns anos, ensaiaram adicionar ao espetáculo o colorido e o movimento de novos e poderosos moving lights de xenônio, mas foram instados a iluminar apenas as arquibancadas – com as cores da Escola que desfilava – e a pista – esta só nos intervalos entre as agremiações. Estas tímidas experiências não se repetiram e o desfile permanece até hoje com a mesma iluminação original, chapada e desinteressante.

A luz elétrica é um fenômeno completamente controlável: podemos alterar a fonte luminosa, sua posição, intensidade, cor, obter efeitos múltiplos, criando e recriando ambientes. As artes cênicas há muito tempo empregam a luz dos projetores para produzir fantasia e ilusão. As religiões a utilizam para induzir ao recolhimento interior. O comércio para estimular as vendas, nós, em nossas casas, para criar climas propícios para o aconchego. Por que não tirar partido de todas as potencialidades da iluminação para recriar o desfile das escolas de Samba?

Há tecnologia para um revolucionário projeto de iluminação dos sambódromos que, por todo o país, acompanharam o modelo carioca. É tecnicamente viável a instalação de novos sistemas de luz, informatizados e coloridos, com equipamentos móveis e dimerizáveis (com intensidade variável), com todas as possibilidades que a iluminação moderna pode oferecer. É lícito imaginar mesas de luz digitalizadas acionando novos e modernos projetores, sendo compartilhadas a cada vez pelos iluminadores das Escolas.

Cada um deles trabalhando com seu programa de

luz acoplado à dinâmica do desfile da sua Escola, explorando ao máximo a criatividade que o carnavalesco – já então promovido a diretor de espetáculo – pode oferecer. Também se pode imaginar que com o apagamento parcial ou gradual do atual sistema se poderá explorar com eficiência os efeitos de luz obtidos dos próprios carros alegóricos. Estas situações, evidentemente, exigirão uma reflexão com relação à segurança da plateia em novas condições de iluminação. E também das novas possibilidades de utilização da pista e da fantástica Praça da Apoteose.

Com a luz controlada e submetida à capacidade de criação dos homens do samba, integrada como participante do novo desfile, poderão ser projetadas as novas ambiências para contar o enredo.

Êpa! Mas será que o que se quer realmente é transformar o desfile em espetáculo cênico? Com a palavra, os sambistas e carnavalescos. O uso da luz para produzir novas ambientações provocará, sem qualquer dúvida, uma verdadeira revolução nos desfiles das Escolas de Samba. E revolução pressupõe transformação, liberdade de propostas. Liberdade para mudanças simultâneas na forma, nos conceitos, na música, na coreografia, enfim, em toda a estrutura formal do espetáculo.

Iluminação, também quesito de julgamento. Haveria coragem para mudanças tão radicais? ◀

José Canosa Miguez

é arquiteto, lighting designer e consultor em iluminação urbana e da arquitetura. Foi diretor de projetos e presidente da Riolum - Companhia Municipal de Energia e Iluminação do Rio de Janeiro de 1993 a 2000. Tem mais de 200 projetos de iluminação realizados e diversas matérias publicadas em revistas especializadas. E-mail: jcmiguez@jcmiguez.arq.br

